

## **Entrevista com Nino Fernandes**

Nino Fernandes foi uma das mais destacadas lideranças Tikuna do alto Solimões. Nasceu em 1955 na localidade de Santo Antônio, município de Benjamin Constant-AM. A área de Santo Antônio foi demarcada pela Funai em 1994, após 12 anos de trabalho e luta dos índios e de suas organizações do qual Nino foi um dos protagonistas. Nesta área indígena localizam-se as aldeias de Porto Cordeirinho, Bom Caminho e Filadélfia. Nesta última, Nino residia desde criança, antes de dividir moradia com a cidade de Benjamin Constant, onde tinha uma casa e onde trabalhava como servidor da FUNAI e do Museu Magüta.

Aos 28 anos, em 1984, como liderança dos professores juntamente com outros líderes Tikuna recusou a proposta do GT (Grupo de Trabalho) da FUNAI de retirar os Tikuna daquela área por causa dos conflitos com invasores e pelos problemas que a proximidade com a cidade poderia trazer. Resistiu, dizendo que lá sempre foi “terra dos Tikuna”. A luta pelos direitos indígenas sempre foi sua principal atividade, fosse como servidor da FUNAI ou como líder do movimento indígena na região. Na cidade sua presença era marcante. Além de estar permanentemente no Museu Magüta, onde atendia estudantes e pesquisadores que por lá passavam, mesmo quando não era oficialmente seu diretor, Nino estava em quase todos os debates e eventos relacionados à questão indígena tanto nas escolas públicas do Ensino Fundamental e Médio como na Universidade. Fora desses espaços era comum vê-lo em sua pequena motocicleta pelas ruas, feiras e comércio de Benjamin Constant ou no caminho que liga esta cidade a aldeia Filadélfia. Já com os cabelos predominantemente brancos e montado em sua motocicleta, com postura corporal ereta e sorriso fácil, Nino não passava despercebido, era cumprimentado e cumprimentava a todos que por ele passava. Era uma presença física, firme e constante dos Tikuna entre os brancos.

No dia 06 de fevereiro de 2018, Nino faleceu de forma repentina no Hospital Geral de Benjamin Constant acometido de um infarto. Além de ser uma liderança entre os professores e na OGPTB, teve também destacado papel no CGTT e no Museu Magüta, do qual foi em muitas oportunidades seu diretor.

A entrevista que segue foi realizada em 12 de dezembro de 2008, na sala da diretoria do Museu Magüta, situado à Rua Castelo Branco, cidade de Benjamin Constant.

Nesta oportunidade Nino e outras lideranças Tikuna: Paulo Honorato Mendes, Pedro Inácio e Santo Cruz Mariano Clemente haviam concordado em participar como entrevistados do projeto de extensão: “História e Memória dos Tikuna do alto Solimões: uma contribuição à educação escolar indígena”, coordenado por Benedito do Espírito Santo Pena Maciel. O referido projeto foi aprovado em julho de 2008 pela Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal do Amazonas e desenvolvido no INC (Instituto de Natureza e Cultura) de Benjamin Constant.

Participaram do projeto: a professora Gilvânia Plácido Braule do Curso de Pedagogia e os discentes: Maria Lunalva Lopes Sevalho do Curso de Pedagogia, além de Atos Firmin Vasques (Tikuna), Erica Fabricia de Melo (bolsista do projeto), Izamara Rabelo Costódio (Tikuna), Maria Elenir Silva de Oliveira, Marisa Tananta Cruz e Mislene Martins Mendes (Tikuna) todos do Curso de Bacharelado em Antropologia. Fizeram parte como colaboradores externos: Maria Terezinha Fernandes, então diretora da Escola Estadual “Zildo Sampaio”, aldeia Filadélfia e Santo Cruz Mariano Clemente, liderança dos professores Tikuna.

Sempre solícito às atividades de pesquisa e de extensão propostas pela UFAM sobre temas e problemas relacionados aos Tikuna, Nino recebeu com entusiasmo o projeto e concedeu a entrevista em sua sala no Museu Magüta, acompanhado de sua esposa que trabalhava em um artesanato, sentada no chão da sala. Durante a entrevista, algumas vezes, Nino conversou com ela em Tikuna pedindo sua opinião e deixando que ela falasse sobre determinados temas. Um desses momentos foi quando ele falou do lugar sagrado dos Tikuna, onde tudo há com fartura. No entanto quem entra lá deve ficar em silêncio, não pode falar nada: - “Só tem que olhar, observar e ficar pedindo”, disse Nino. Se falar algo ruim, aquilo se torna realidade.

Durante a entrevista Nino demonstrou atenção às perguntas, clareza e profundidade nas respostas. Mas, por várias vezes, sentado em sua cadeira, naquela sala pequena, entre as quatro paredes, estendia um olhar fixo à frente como se quisesse se projetar para além daquele ambiente. Sua memória parecia querer se comunicar com imagens, símbolos e realidades que não estavam ali naquela sala, mas numa outra dimensão do mundo Tikuna. Talvez a dimensão simbólica do mundo de Eware, onde seu povo nasceu e onde ele deve estar agora.

Para concluir registra-se que esta entrevista foi realizada e gravada por Benedito Maciel. A transcrição da gravação foi feita por Érica Fabrícia de Melo, então bolsista do projeto.

### ***Entrevista concedida por Nino Fernandes***

***Benedito:*** Vou conversar com o Nino Fernandes, diretor do Museu Magüta.

***Nino:*** Meu nome é Nino Fernandes, sou da etnia Tikuna. Meu nome na língua Tikuna é Metacü, nação de Woca [onça]. Tenho 55 anos completos, sou daqui mesmo do município de Benjamin Constant-AM, Comunidade Filadélfia, nasci e cresci e moro lá mesmo, não andei por nenhum outro município.

***Benedito:*** Atualmente, quais os cargos que você ocupa na Organização Indígena?

***Nino:*** Antes de tudo, eu era professor, dava aula lá em Filadélfia. Comecei em 1976, a dar aula pela prefeitura, até 1986. A partir daí passei pra FUNAI, que me contratou como professor bilíngue. Depois por volta, de 1990 a 1993, passei para Benjamin Constant e o pessoal me fez sair de dar aula, e outras pessoas trabalharam em meu lugar. A luta do povo Tikuna vem acontecendo desde muito tempo, devido às dificuldades. No tempo do patrão da borracha, na década de 40, quando foi o tempo da II Guerra Mundial, que o governo falou para o pessoal cuidar da terra do Brasil, e aí chegaram os colonizadores. E nos locais que existiam igarapés, colocaram uma família para cuidar. E foi desse tempo, que realmente os Tikuna vieram lutando, sofrendo, morrendo e, assim, vão conseguindo alguma coisa; para tentar compreender a língua portuguesa, que era muito difícil, e ninguém conhecia muito bem. E me lembro quando ainda era menino, você tinha que procurar um Tikuna [que falasse o português] para comprar ou vender alguma coisa, pois nem todo mundo sabia falar português naquele tempo. Então eram muitas dificuldades. Aí, em 1980, os caciques de todas as comunidades do alto Solimões começaram a se organizar. E então se organizaram e falaram sobre a Demarcação de Terras. Alguns que tinham alguma experiência, disseram que daqui a 50 anos, falaram nessa reunião de 1980 em Campo Alegre, município de São Paulo de Olivença, falaram que os Tikuna iriam sofrer se

não se organizassem e que um dia seriam expulsos do lugar porque o pessoal que tinham dinheiro seriam os donos da terra. Então foi isso que os caciques discutiram na década de 1980: se organizar entre caciques e comunidades. Naquela época existiam 18 mil habitantes Tikuna e mais ou menos 65 aldeias. Não era como agora: muitas! Depois disso organizaram e continuaram lutando. Quando os caciques organizaram falaram sobre terra, e [foi] quando tiraram o pessoal lá de frente da comunidade Vendaval. Lá moravam os “brancos”. Era a comunidade que não lembro o nome. Aí os caciques tiraram o pessoal, tiraram muitos. E piorou porque naquele tempo tiveram muitas brigas, dificuldades para os Tikuna. Quando a gente ia para São Paulo de Olivença, Benjamin Constant, muitas das vezes, os Tikuna eram apanhados pelo pessoal branco daqui da cidade e até de São Paulo de Olivença. E até mesmo por policiais. Os caciques sofreram muitas vezes. Aí, depois de 1982, foi criado o CGTT (Conselho Geral da Tribo Tikuna) para defender, como se fosse um sindicato dos trabalhadores, ou do pessoal sem terra. E foi assim que pensamos em uma pessoa ou conjunto de pessoas defendendo sempre o povo melhor. Aí pensamos e criamos a organização com esses membros do CGTT, que tem o 1º cacique geral, 2º cacique geral e os membros. Naquele tempo nós escolhemos e foi eleito o Pedro Inácio como capitão geral que naquele tempo era capitão. E Adercio Manoel Costódio como 2º capitão geral, ele era da comunidade de Campo Alegre. E assim nós lutamos. Tinha uma comissão que ajudou eles, os membros dessa organização. Aí, cada vez mais se reuniram a cada quinze dias, ou no final do mês para discutir sobre como conseguir a terra. Aí sentaram, desenharam, fizeram mapas para ver por onde iriam passar? Quem morava lá? Quem estava lá? Quem era o dono da terra? Tudo isso fizeram já como se fosse uma identificação, mas uma identificação sem documento. Eles procuraram ver quem eram as pessoas que moravam lá, quem eram as pessoas que estavam lá, quem era o dono, para descobrir e saber quem era o dono daquela terra de lá: Umariaçú, Santo Antônio, Filadélfia, São Leopoldo, Feijoal, Eware I, Eware II, Nova Itália, Betânia, os Paranás, outras comunidades...pensaram quando fizeram o levantamento.

*Benedito:* Por que esse nome Eware I e Eware II. Por que foram feitas essas divisões?

*Nino:* Porque nossa origem saiu de lá, deste lugar, principalmente Eware I: o lugar onde o nosso herói Yoi pescou o primeiro Tikuna, que antes não se chamava Tikuna, chamavam Magüta, porque o igarapé se chama Eware. Foi de lá o surgimento e aparecimento do

primeiro Tikuna. E Yoi pescava pessoas. É como, ainda hoje, é conhecido os Tikuna, como povo do Magüta. Depois quando os colonizadores chegaram aqui, deram o nome ao povo Magüta de Tikuna. É assim como os historiadores contam e dizem porque chamavam de Tikuna, foi porque pintavam o nariz com jenipapo e ficou preto. E foi por causa disso que os chamaram de Tikuna. Mas para mim, é outra coisa, e não o que significou esse nome, pois depende do clã ao qual pertence a pessoa, pois, gente com o nariz pintado com certeza era do clã de Tucano ou de outros animais.

*Benedito:* Então Tikuna quer dizer, gente de nariz pintado?

Nino: Os pesquisadores contam que a palavra Tikuna significava nariz pintado, mas para mim em minha própria ideia, já pensei por muito tempo, e acho que não, pois, pra mim, eles devem ter ouvido diferente, porque naquele tempo viajavam de canoa e alguns dos colonizadores, ouviram a palavra Tikuna, “tikuna, tikuna, tikuna”, aí devem ter colocado isso Tikuna. Uma outra ideia que tenho é que hoje chamam Cambeba, mas, não é, pois, o nome do Cambeba original é Omágua, e os Tikuna chamavam de Auvané, que era um outro nome.

*Benedito:* E o que significa Auvané?

*Nino:* Agora isso, eu nunca perguntei de outra pessoa o que significa Auvané e o por quê! Não sei, agora se eu mesmo entendesse isso, entenderia que, que ‘A’u’ é chorar e ‘vané’, devia ser pessoa que estaria chorando o tempo todo. Ou até mesmo, se fosse em português, seria ‘A-va-né’ que seria chorão o tempo todo, né! Ou seria outra coisa não isso. Eu perguntei do Pedro Inácio e ouvi na fala do Pedro Inácio o seguinte: ‘auvané’... foi onde ouvi essa palavra. E assim, desta forma, ouviram a palavra Tikuna e chamaram o povo Magüta de Tikuna, que hoje todos conhecem como Tikuna, mas que talvez significasse outra coisa... o Povo Magüta, que se traduz como povo pescado, porque os Tikuna vieram através do peixe e misturado com carne de Ipy, e que foram jogados no rio e se transformaram em peixe e também em pessoas que são os Tikuna, então é assim.

*Benedito:* E voltando a OGPTB, quais foram os momentos mais difíceis que a OGPTB viveu? Qual o maior conflito que vocês passaram durante esse tempo todo de organização?

*Nino:* Depois do CGTT, que foi criado em 1982, nós criamos a OGPTB [Organização Geral dos Professores Tikuna Bilíngues], em 1986. Criada para os nossos professores. Passamos a pensar em melhorar principalmente a educação dos Tikuna. Nós pensamos em que ia dar o futuro, como hoje em dia tem a faculdade. E isso principalmente foi pensado. Mas quando começamos a organizar até o CGTT, os caciques sofreram nas mãos dos governantes, nas mãos dos deputados, do governo, do exército... Todos tiveram as dificuldades, não queriam reconhecer o que eles queriam. Assim, a OGPTB... As secretarias de educação dos municípios do alto Solimões não queriam reconhecer, os prefeitos não queriam reconhecer, para valorizar o povo. Eles queriam formar o pessoal da cidade, os “brancos”, para que ficassem trabalhando e dando aula [para os índios], essa era a intenção dos prefeitos. Mas nós sabia [sic] que não era assim como eles queriam e não aceitamos a proposta. Então procuramos um meio de melhorar os nossos professores, fazendo curso, e cursinhos, e conversamos com eles. Nas assembleias do CGTT convidávamos professores que já tinham experiência: de Betânia, de Campo Alegre, de Nova Itália. Apenas em alguns lugares tinha professores, não tinham muitos professores como hoje em dia. E, a partir daí, discutíamos, cada município discutia como queria. Dentro das propostas nós discutíamos e debatíamos para poder conseguir a educação que queríamos para os Tikuna. E essa ideia começamos primeiro em 1988... por aí. Nós mesmos éramos professores de outros professores, nós marcávamos o lugar e quem já tinha ginásio completo, 8ª série, já trabalhava com outro professor que já tinha 3ª e 4ª série completa, já dava aula na comunidade. E começamos assim. Quem ajudou naquele tempo foi o pessoal do OPAN [Operação Anchieta, hoje Operação Amazônia Nativa], através do Sílvio Cavuscens, que tava aqui naquele tempo. Aí o Sílvio, com certeza, relatou muito bem os Tikuna que estavam dando aula para outros professores Tikuna. Ele passava o dia todo com nós. Fazíamos o curso, onde eu, o Francisco Julião e outros professores dávamos aula para outros professores, lá em Takana, que naquele tempo tínhamos escolas grandes. Marcávamos para que outros professores chegassem lá, e aí chegavam 90 professores. E aí que começamos a organizar, vendo como era...E aí depois o pessoal viram quem já estava aqui fazendo pesquisas no alto Solimões e fizeram projeto. Teve treinamento e depois o próprio pessoal do OPAN fizeram também, fizemos em São Leopoldo, Betânia, Nova Itália. Nós fomos com o pessoal do OPAN, mas não éramos mais nós [os professores do

curso], era uma técnica, um professor para incentivar e dar mais conhecimentos. E assim fomos mais pra frente...

*Benedito:* O que é mais importante na educação Tikuna?

*Nino:* Pra mim o mais importante na educação é que os Tikuna não esquecer [*sic*] a própria cultura, nem a própria língua típica que ele conhece, a comida, o pajuaru, a festa de moça nova. Isso pra mim é muito melhor, e também aprender a falar português para saber como pode se defender. Hoje em dia, já tem aluno Tikuna que já estão fazendo faculdade, que estudam na UFAM, na UEA, na própria OGPTB, até aqueles professores que durante muito tempo lutaram e outros que desistiram, hoje está aí, realmente a luta do CGTT, da OGPTB, luta do povo Tikuna que conseguimos. Depois nós conseguimos saúde, criaram a organização de saúde: OMSPT [Organização dos Monitores de Saúde do Povo Ticuna]. E é muito bom ter treinamento para agente de saúde, que naquele tempo não tinha muito agente de saúde como hoje com mais de 200, antes tinha 35 agentes de saúde indígena Tikuna. E os convidamos para treinar, estudar e fazer curso, pois, naquele tempo, já tinha doenças como a gripe suína, que naquele tempo era cólera, no Peru e em vários lugares. Corria a ideia de que quem pegasse iria morrer. E morreram muitas pessoas! Aí os agentes de saúde foram com os coordenadores para ir até o Rio de Janeiro para fazer convênios com a Universidade de Medicina [Faculdade de Medicina da UFRJ]. Treinaram os agentes de saúde aqui, até os Médicos Sem Fronteira vieram junto com a OPAN e outras entidades ajudaram os agentes de saúde, até hoje a saúde dos Tikuna. É somente isso que eu nunca fiquei totalmente de acordo, pois, o CGTT o que pensou no início conseguiu e caminhou a estrada indo até chegar ao fim da ponta, mas, na saúde não foi assim. Pois, o que foi pensado, primeiramente conseguiu, conseguiram organizar, mas não chegaram ao fim da ideia. Pra mim se não tivessem outra ideia, outras pessoas que pensam a divisão entre Tikuna pelos próprios Tikuna. Criaram outras organizações que começaram na saúde... E pra mim seria bom se a ideia do OMSPT chegasse a até formar médicos, mas não chegaram. Agora já não tem mais nem caminho. Logo que começaram treinaram aqui, estudaram, vieram médicos, dentistas, médicos cirurgiões, e treinaram aqui, voltaram para as comunidades e trabalharam com supervisores acompanhando e, o último treino foi com o pessoal do dente que já faziam extração de dente e chapas dos Tikuna. Naquele tempo não tinha, era difícil uma pessoa com dor de dente. O colega poderia tirar o dente, porque

não tinha e era difícil na cidade, agora quem morava na cabeceira do rio, no lago, aquele pessoal que já tinham treinado e sabia trabalhar, arrancar dente, fazer dente. Naquele tempo os Tikuna tinham muito dente estragado e não tinham como comer, porque sem dente é meio difícil. Tudo isso já conseguiram com a saúde, mas, no meio, para mim afundaram e não foi pra frente. Agora não sei mais... Depois do parecer da saúde indígena, que fizeram convênios com a FUNASA, com as organizações indígenas, com outras organizações não indígenas, cada vez mais o governo colocou dificuldades, não só para os índios como os Tikuna, e outros índios, mas, principalmente para os Tikuna, que não tem mais nem curso para os agentes, que tem que fazer módulo, que não tem mais nada, acabou-se na mão do governo. E próprio governo não quer mais valorizar, não sei se para o povo branco, da cidade branca, tem ainda treinamento, que para os indígenas não tem mais. Antes tinha treinamento, antes da FUNASA tinha os cursos e treinamento, agora não tem mais nada. Mas quem levou a vitória foi só a OGPTB, que conseguiu através de muitas lutas, dificuldades, conseguiram... Primeiro o governo não queria reconhecer. Conheço muito bem, pois eu era naquele tempo conselheiro da educação em nível nacional, eu e o Euclides Pereira que também é indígena, Macuxi lá de Roraima. Sempre estivemos lá em Brasília brigando pela qualidade da educação indígena, até conseguirem acreditar em nós naquele tempo. Mas apesar das dificuldades, quem ajudou nós foi o pessoal do IERAM [Instituto de Educação Rural do Amazonas], que conversou com os prefeitos, deputados do alto Solimões para ficar reconhecida a educação indígena, e os professores. E isso foi uma das dificuldades que passamos, como no início os caciques passaram também. Não eram valorizados naquele tempo, não eram bem recebidos e eram maltratados por causa da terra. Aqueles que tinham terras e lotes de terras, ficavam com raiva porque iam perder a terra deles é por isso que tinha essa briga. Mas realmente os Tikuna não vieram de outros países, nem de outro Estado, somos daqui mesmo e surgimos daqui. Nossa origem, o nosso lugar é uma área preservada, lá é Magüta. É um lugar sagrado, ninguém mora lá. Lá tem tudo, tem muitas frutas, desde o açaí. [Neste momento Nino esboçou um sorriso, seus olhos brilharam como se estivessem lacrimejando].

*Benedito:* E vocês vão lá frequentemente?

*Nino:* Tem gente que vai lá, mas ninguém mexe nada lá. Nós podemos mexer, mais ninguém. Mas quem quiser ir lá, tem que pedir permissão porque lá realmente o Yoi, o Ipy,

e mais outras pessoas estão lá, mas ninguém vê. Lá a árvore de açaí [são] baixas e já dão frutas, e se você quiser tirar açaí debaixo dela já está feio, rapidamente aquela fruta vai ficar feia. Lá tem várias frutas iguais à maçã, e mais gostosas que a maçã. É uma fruta grande, de casca. É gostoso! Para mim que já comi maçã e essa fruta, a maçã não é gostosa, mas esse fruto é delicioso, a casca dela é assim... [E fez um gesto mostrando a textura da casca meio áspera]. Mas se você falar: ah, essa fruta está verde, naquela mesma hora vai ficar tudo verde, e não pode dizer algo assim, tem que prestar atenção no que você vai dizer...

*Benedito:* E não pode falar nada quando chegar lá?

*Nino:* Nada! Só tem que olhar, observar e ficar pedindo... A sorva tem fruto e é da mesma forma carregado de fruta...E não pode falar nada. Lá tem também galinha, boi, cachorro, e tem outros animais que estão aí, mas você não pode mexer, porque você não os vê. Tem pessoas também que falam e você somente ouve eles falarem. Os ovos de galinha tão lá também e outros animais...E se você falasse: ah, aqui acho que tem cobra, rapidamente apareceria uma cobra. E outra coisa, é que como nós temos clã, que nós chamamos de “wopati” e que faz sexo com pessoa do mesmo clã. Aquela pessoa que faz sexo com pessoa da mesma nação não pode chegar lá perto; não pode, porque ao chegar perto de lá fica doente, com febre, dor de cabeça e, por causa disso é melhor ficar longe. Somente aqueles que não fazem sexo com pessoas da mesma nação: aqueles podem. Mas devem ter muito cuidado... E vão pegar a fruta que querem e vão pedir pra tirar tal fruta assim: - Olha eu vou tirar sua fruta! Fazendo o pedido, para o dono [da árvore], aí você pode tirar a fruta. E lá tem uma praia onde tem tracajá, tem tartaruga que põem ovos, mas se você chegar lá e disser: Ah, aqui está cerrado! Realmente não vai ter praia mesmo. É lá que é o nosso lugar, onde realmente nosso povo Magüta apareceu. Nós como somos netos dos netos e estamos hoje em dia aqui na cidade por causa do trabalho, como brasileiros, algumas vezes eu pensei assim, quando estava em outro país, eu pensei sobre o porquê de outros brasileiros estarem em outro país. Aí vi que era porque eles estavam aqui por causa do trabalho, então é isso....

*Benedito:* E o Museu?

**Nino:** Sou diretor do Museu Magüta e pela segunda vez, porque já houve nova eleição e me elegeram novamente. O Museu desde quando discutimos sobre demarcação da terra, também os caciques discutiram, e pensaram que a ideia dos caciques era levantar tudo e fizeram um grande depósito dos materiais dos Tikuna. Esses materiais foram colocados no Museu, porque hoje em dia você chega numa comunidade e você não encontra mais. A festa da moça nova cada vez mais está acabando e não estão mais fazendo e, no museu fica documentando: tem cópia, livros, fotos e guardamos. E por isso levantou-se um cacique e falou isso, que queria um museu. Não sei se ele viu em algum lugar que ele andou por aí, só sei que ele disse que tínhamos vocação pra fazer isso também. E resolvemos onde fazer esse Museu, ou Tabatinga, ou Benjamin Constant? Aí a maioria dos professores votaram em ser em Benjamin e a minoria em Tabatinga. Por isso que o Museu está aqui. Então, colocaram as peças como as cerâmicas, os vasos, os remos, as zarabatanas e várias outras coisas que hoje não tem mais e os Tikuna não conhecem mais. E que principalmente os jovens de hoje que não conhecem mais; não sabem fazer mais, não sabem como é que é. Muitas das vezes eu falava e brincava lá em Filadélfia, que dizem que tinha uma senhora antigamente que, junto com os brancos, no ajuri, os Tikuna em conjunto se juntavam para trabalhar e se ajudavam...e hoje eles não fazem mais isso na comunidade. E então eu sempre contei uma história dessa senhora que um dia fez uma balsa e tiveram que derrubar árvores. E um rapaz que foi para o meio da mata e viu aquela senhora lá e perguntou: - o que a senhora tá fazendo? E ela disse: - eu tô derrubando pau pra fazer balsa. E tinha mais gente lá e também perguntaram deles o que estavam fazendo, e responderam: - estamos fazendo ajuri. E o rapaz disse: - ajuri, mas só com quatro pessoas você vai trabalhar? E a senhora respondeu: - Sim, porque o pessoal de Filadélfia não sabe mais fazer balsa. Então todas às vezes eu falei isso para os Tikuna, que realmente muitos se preocupam por causa da educação, vão para aula de tarde, vão fazer trabalhos, física. Aí o pai não tem tempo, porque já tem Tikuna que não sabe mais pescar porque antes a nossa educação, quando nós tínhamos filho homem ou menino, a partir dos três, quatro ou cinco anos, que já sabe sentar na canoa, aí o pai levava o filho pra pescar, para saber como matar pirarucu, como flechar a tartaruga. Naquele tempo você procurava onde tinha tucumã e ia lá para flechar. E as meninas acompanhavam a mãe para plantar na roça, como se podia plantar e/ou fazer cerâmica, como tirar o barro, o que misturava com o barro, como cuidar da casa também. Tudo isso era ensinado naquele tempo. Hoje em dia não tem mais isso, não tem mais essa educação. Hoje em dia uma criança de cinco ou seis anos já vai pra aula, tem que estudar e

tudo aquilo que o pai e o avô aprenderam ele não vai mais aprender e nem saber. Então é assim que nós estamos com certeza, cada vez mais aculturados. Os Tikuna estão aprendendo costumes dos brancos. Com certeza daqui a algum tempo, uns dez anos, vão ter outra ideia. Com certeza se eles segurarem o próprio idioma, com certeza os Tikuna vão ainda ser indígenas, não como outros índios que vi e fiquei muito preocupado quando fui para o México: os índios não tinham mais índio, só tinha o lugar deles na arqueologia. O pessoal ia visitar e não tem mais índio. Você via alguém parecido com índio e perguntava: - você é índio e a pessoa dizia: - Não! Sou mexicano!

*Benedito:* Mais então, agora o senhor vendo que seus filhos estão lá na sala de aula, o que você gostaria de dizer pra eles?

*Nino:* O que eu diria a eles! Eu diria pra estudar bem, estudar e pensar no passado e como o pai deles e avô deles. Saber o que é cultura, escrever no próprio idioma, não usar só português quando estão falando na própria sala de aula. Até professor chega na sala de aula e passa só português e não tem facilidade para falar com os alunos. Ele não sabe que o aluno é Tikuna, e o aluno falou em Tikuna pra ele. Para mim se fosse esses alunos tem que estudar bem e um dia pode ser um linguista, escrever muito bem um livro, porque tem muito trabalho, muita história que ninguém ainda chegou a contar bem essa história dos Tikuna: como são, como que vieram, ainda não tem um livro assim. [Nesse momento falou um pouco na língua Tikuna com sua mulher que estava próxima]. Como o suicídio, que acontece quando o/a Tikuna tem uma namorada que brigou com ele, ou quando está bêbado e por causa disso se suicidam. Mas na minha ideia, o suicídio não acontece só quando a pessoa está bêbada, ou quando o menino ou a menina não gosta mais daquele rapaz ou moça, isso depende da perseguição da vida espiritual dele. Porque para nós tem pai e tem mãe que chamamos de Tchatchacuna. O que é o Tchatchacuna: quer dizer, significa no nosso próprio idioma, quer dizer, uma coceira que mexe comigo, que parece que tá preocupado. E com essa coceira que você não aguenta. Ela mostra pra ti a arma, a corda, o veneno. Então eu fiquei assim com a técnica em resina de veneno, o preparo. E disserem que os Tikuna só fazem isso quando estão bêbados, mas não. Para mim esses alunos não devem pensar nisso, para não pensar o mal, o suicídio. E se de um rapaz a menina não gostou deixa, procure outra. E as meninas se aquele rapaz não gostou, procure outro rapaz. Como muitas das vezes nossos velhos fizeram isso quando eram jovens.

Menina ou menino é igual como capim, tem muito. O branco diz que é igual como arroz, Tikuna diz que é como capim, muito capim. Por isso, para mim o jovem não deve pensar em se suicidar, melhor é estudar, estudar o que é o suicídio, pensar, escrever, para saber de onde vem esse suicídio. Então é isso.

*Benedito:* Obrigado senhor Nino pelas informações!